IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade
V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade
V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade

CORPOS, GÊNEROS E SEXUALIDADES EM ALTERIDADE: UMA PESQUISA-AÇÃO COM GRADUANDOS EM EDUCAÇÃO FÍSICA[1]

Eixo Temático 03

Conrado Alencastro da Silva Silveira Bueno[2]

RESUMO

O presente artigo apresenta um relato de experiência de uma pesquisa-ação feita com estudantes de graduação em Educação Física de uma instituição de ensino superior localizada na cidade de Porto Alegre. A ação da pesquisa permeia temáticas sobre corpos, gêneros e sexualidades, matrizes identitárias e subjetivas importantes que atravessam saberes, fazeres, pensares e agires dos futuros professores e profissionais de educação física que se encontram em processo de formação. A pesquisa-ação, ferramenta utilizada como proposta metodológica de ação da pesquisa, ocorreu através do diálogo em relação a uma produção fílmica denominada "Amor e Sexo no Japão". A película retrata um atual panorama japonês quando se trata da construção de sexos, sexualidades, gêneros e corpos outros que não são costumeiros e produzem uma certa moral, licitude e saudabilidade perante as existências. Logo após a apresentação do filme, os estudantes dialogaram e elaboraram produções textuais que materializam as sensações e percepções em relação ao filme apresentado. Estranhamentos, relatos de experiências pessoais e críticas em relação às experiências com a cultura japonesa apresentada no filme são alguns dos exemplos incitados ao longo da ação. Por fim, foi produzido um grafo, através de um minerador de dados, com o conjunto das produções textuais feitas pelos estudantes logo após a apresentação e a discussão da produção fílmica. As palavras mais utilizadas nas produções textuais dos alunos foram as seguintes: relacionamento, mulheres, Japão e diferença, palavras essas que caracterizam a manifestação da alteridade deles em relação às cenas do filme. Assim sendo, a apresentação de um documentário, o diálogo com os estudantes e os textos escritos destacam as tramas de alteridade presente. Ou seja, o relacionar-se com o outro em sua diferença, fator que nos constitui e, consequentemente, nós constituímos enquanto professores e profissionais durante os nossos percursos formativos.

---

[1] Trabalho de conclusão de curso de especialização apresentado à Coordenação de Pós-graduação *Lato Sensu* em Mídias na Educação da Universidade Aberta do Brasil/ Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia Sul-Rio-Grandense para a obtenção do título de especialista em Mídias na Educação

[2] Doutorando em Ciências do Movimento Humano pela Universidade do Rio Grande do Sul - PPGCMH-UFRGS, conrado.bueno25@gmail.com.

Palavras-chave: Corpos. Gêneros. Sexualidades. Pesquisa-ação. Educação Física.

INTRODUÇÃO

O presente artigo explicita um tracejamento de estudo com graduandos do segundo semestre do curso de Educação Física, tendo em vista tanto as ênfases bacharel quanto licenciatura[3], de uma faculdade de ensino à distância, localizada no município de Porto Alegre, capital do estado do Rio Grande do Sul.

A proposta foi trazer, através da discussão do documentário intitulado "Amor e Sexo no Japão", uma realidade que provocasse um "incerto" estranhamento diante dos modos de ser e estar no mundo, que, de acordo com Foucault (2010), são modos de sujeitos vistos como anormais em suas diferentes vertentes: imorais, ilícitos, pervertidos, patológicos, criminosos, entre outros, tanto em relação a si quanto em relação ao outro, num entre constitutivo.

Educação Física toma o corpo como questionamento de caráter central. O corpo como objeto de conhecimento importante é explicitado nas Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Educação Física (2002, p. 03):

> A Educação Física compreende uma área de estudo, elemento educacional e campo profissional caracterizados pela análise, ensino e implicação do conjunto de conhecimentos sobre o movimento humano intencional e consciente nas suas dimensões biológica, comportamental, sóciocultural e corporeidade (Brasil, 2002, p. 03).

O corpo existe como constituinte e constituído através de matrizes identitárias (Souza; Languaro, 2011). Três matrizes que enaltecem o corpo como importantes construtores de subjetividades que costuram as nossas identidades são: o gênero (Solana, 2013), o sexo (Preciado, 2014) e a sexualidade (Loreto, 2015).

---

[3] De acordo com Lüdorf e Ortega (2013, p. 662): "Com a regulamentação da profissão de Educação Física, a partir da promulgação da Lei n° 9.656/98, que trata da criação do Conselho Federal e Regional de Educação Física (CONFEF e CREF), passou-se a utilizar o termo 'profissional de Educação Física' para os egressos do curso de Bacharelado, formados para atuar nos ambientes considerados não formais (academias, clubes, etc.)". O curso de Licenciatura continuaria a formar os professores que atuariam junto à Educação Básica. Entretanto, neste trabalho, considerando-se que a dimensão de intervenção, independente do ambiente, é de natureza pedagógica, assim, optamos por utilizar o termo "professor de Educação Física". Assim sendo, idem não me interessou apartar estudantes de licenciatura e bacharelado, pois o alunado percorre alguma dimensão pedagógica em relação às questões de corpos, gêneros e sexualidades.

De fato, essas três matrizes identitárias podem caracterizar os sujeitos em suas produções de subjetividades, identidades e ambientes que percorrem a nossa vida. Questioná-las e problematizá-las se torna de extrema importância, pois, como estudantes do curso de educação física, a relação profissional se baseia no corpo do outro (ou no outro) e que, em qualquer momento, poderá acontecer, se não já acontece, (como no caso de alguns graduandos já estarem exercendo a profissão como estagiários ou já encarnarem a figura do professorado de educação física em seus respectivos espaços de atuação) uma intervenção que seja calcada em construções performativas dos corpos através de tecnologias de dominação que são ratificadas por dispositivos históricos que passam e perpassam por nós como territórios de passagem.

Assim sendo, será traçada a contextualização do documentário explicitado acima. Logo após, será abordado brevemente o que seria uma pesquisa-ação com a ajuda de autorias que explanam sobre o assunto. Posteriormente, algumas fábulas que dilucidam como se desenvolveu o encontro de acordo com percepções e sensações minhas; e, por fim, uma interpretação analítica que utiliza uma ferramenta de mineração de dados virtual para a construção de uma rede de palavras, termos e conceitos que circularam por entre as produções desenvolvidas durante o encontro.

PESQUISA-AÇÃO

A ferramenta utilizada no presente trabalho surge a partir de uma proposta metodológica da década de 60. Essa metodologia eleva as relações teóricas e práticas num entremeado de pesquisas nas ações e ações nas pesquisas que se inserem em um território social e que compreende o professorado como importante pesquisador de seu cotidiano existencial juntamente com os atores e as atrizes que circulam pelos territórios investigados. Franco (2005, p. 496) sanciona que:

> O que importa deixar limitado é que a pesquisa-ação sugere sempre a concomitância entre pesquisa e ação e ação e pesquisa, considerando-se até que deveria ser expressa em forma de dupla flecha, ao invés de hífen: *pesquisa ação*, de modo a caracterizar a concomitância, a intercomunicação e a interfecundidade.

Na tentativa de superar dicotomias tão desgastadas entre teoria-prática, a pesquisa-ação se insurge como possibilidade outra de estudo, que atravessa cotidianos existenciais que se aproximam de profusas pedagogias, "educações" e escolas não somente. Baldissera indica que:

> Uma pesquisa pode ser qualificada de pesquisa-ação quando houver realmente uma ação por parte das pessoas implicadas no processo investigativo, visto partir de um projeto de ação social ou da solução de problemas e estar centrada no agir participativo e na ideologia de ação coletiva (Baldissera, 2001, p. 6).

De fato, uma órbita investigativa não envolve somente o professorado como personagem capital num processo de pesquisa-ação. Outras personagens, como o alunado, também são parte importantes no conhecimento de uma determinada realidade social que rodeia processos de pesquisa. Idem a territorialidade da sala de aula e das ferramentas utilizadas durante a oficina-aula (*notebook*, filmes, entre outros recursos mais) são importantes: "[...] ou seja, a *construção da dinâmica do coletivo* tem uma ênfase grande no início da pesquisa, mas deve continuar em processo de melhoria e aprofundamento, até para depois da pesquisa melhorada." (Franco, 2005, p. 498).

Todas essas envolvências podem auxiliar num esgarçamento do processo de desenvolvimento da pesquisa-ação em sua utópica totalidade. Esgarçar a pesquisa significa que os dados podem fraturar as formas de purificação que padronizam verdades sobre um determinado ponto de vista. Na tentativa dessa fratura para almejar uma possível flexibilização dos informes exalados por entre a pesquisa, Francischett expõe que: "Os dados qualitativos não são padronizáveis, obrigando o pesquisador a ter flexibilidade e criatividade para coletá-los e analisá-los, sendo que o bom resultado da pesquisa depende da sensibilidade, intuição e experiência do pesquisador" (Francischett, 1999, p. 174).

Também não era o meu propósito trazer saberes, fazeres, pensares e agires embalados por discursos oficiais, canônicos, livrescos e eruditos. Compreender que eu não portava: "um conhecimento 'superior' ou 'mágico' que lhes pudesse ser oferecido e que faria então sua prática pedagógica se aperfeiçoasse" (Bracht et al., 2002, p. 14), era um mantra respeitável que internalizava durante a atividade e que poderíamos, se assim pudessem e quisessem, construir saberes, fazeres, pensares e agires que fizessem algum sentido no coletivo e que gerasse um algo em comum conosco.

Em condensações, a pesquisa-ação se insinua a ser inventiva, criativa, potente numa espécie de deriva pedagógica, educacional e escolar. Serres et al. (2000) incita que

atualmente perpassamos por uma sociedade que pela primeira vez em todos os tempos, os jovens podem saber mais que os longevos, com o inventivo das novas tecnologias informacionais e comunicacionais, não somente.

A importância da construção de algo ou alguma coisa em comum, que afirme e assuma conhecimentos divergentes como navegação por pontos de vista espectrais, poliédricos e prismáticos se faz em indefinições pontuais urgentes.

AMOR E SEXO NO JAPÃO

A película investigada retrata um atual panorama japonês quando se trata da construção de sexos, sexualidades, gêneros em corpos outros que não são costumeiros e produzem uma certa moral, licitude e saudabilidade perante as existências. A obra foi transmitida no cenário brasileiro primeiramente através do canal Globo News, no dia 17 de junho de 2017, tendo um total de cinco capítulos. Na chamada, por entre imagens, signos e representações, comenta-se que: "Na terra do sol nascente, sentimentos reais e prazeres comuns estão com os dias contados: casamento sem noivo, namorado de aluguel, bonecas de companhia: *Amor e Sexo no Japão*."

De acordo com o site Odisseia (2018), o documentário retrata um movimento prismático sobre as matrizes em que:

> No país do sol nascente, o amor e as relações sexuais estão em perigo. Uma quarta parte dos japoneses entre os 30 e 40 anos são virgens e metade da população admite que não tem sexo regularmente. A taxa de natalidade diminuiu nos últimos anos e em 2060, o país pode perder 30% da população atual. Mas quais são as razões para este desinteresse amoroso e sexual? Longos dias no trabalho, o stress e os problemas económicos podem estar por detrás disso. Por oposição a esta situação peculiar, o Japão desenvolveu uma indústria diversificada casamento solitário, aluguer [sic] de parceiro por horas sem contacto físico, produção de filmes e manga para adultos, bonecas sexuais e cursos para dominar a arte da sedução (Odisseia, 2018).

Conquanto, a versão que foi apresenta para o alunado é um compacto que está alocada no site denominado Daily Motion. Ela possui um tempo de aproximadamente uma hora. Uma opção mais enxuta se fez importante, pois o período do encontro era de apenas uma aula e a proposição de um movimento dialógico aberto para com a turma logo após a apresentação da obra cinematográfica enalteceria a construção de saberes, fazeres, pensares e agires coletivos que nos constituem e constituímos como sujeitos.

O filme percorre um caminho que coloca a ausência das novas tecnologias informacionais e comunicacionais, através dos relatos fílmicos presentes na obra, a compreensão de que as matrizes estão em processo de locomoção no território japonês e se descolam de práticas consideradas *mainstream* (heteronormativas, focadas nas genitálias, num envolvimento íntimo-sexual entre parceiros e parceiras, num espaço entre dois que representam práticas canônicas e majoritárias dos envolvidos) a um outro prisma que expande a outras práticas ditas alternativas, dissidentes, "contra-normativas" ou subversivas que não estão focadas somente entre humanos, mas que podem envolver relações exclusivamente consigo mesmo, com personagens de desenhos animados, bonecas, pornografias, entre tantas possibilidades. Um exemplo deslindado: em uma das cenas do filme, um jovem vai em busca de uma mulher para conversar e trocar gestos íntimos num espaço intitulado "Café do abraço". Nesse café, deitar-se com uma das anfitriãs vale sessenta euros a hora, um abraço que dura três minutos custa oito euros, pousar a cabeça em seu colo despende 16 euros e assim sucessivamente. Cada gesto expende quantias em dinheiro e, quanto mais esse gesto perdura, mais valorizado financeiramente se torna.

No entanto, de acordo com os semblantes e silhuetas das personagens que se apresentam na cinematografia da obra, as ações aparentemente não se caracterizam em suas alternâncias, dissidências, "contra-normatividades" ou subversões e sim como tantas possibilidades outras de se exercer e manifestar as suas sexualidades num viés que não é o do estranhamento em suas alteridades singulares radicais. O estranhamento partiu ao analisar as produções textuais de quem assiste; ou seja, o alunado, em relação às suas realidades que percorrem as matrizes identitárias em suas singularidades, peculiaridades e especificidades numa atmosfera tropical, latina, miscigenada, sulista e abrasileirada que compõe órbitas ecológicas de gestos sexuais, "generificantes" e corporais e que integram nossas identidades e subjetividades.

CAUSOS DA CONSTRUÇÃO DE UMA PESQUISA QUE QUER SE ACIONAR NOS MUNDOS...

A possibilidade de desenvolver algum trabalho juntamente com estudantes de um curso de educação física que envolve o corpo como categoria importante para diálogo era

um desejo que me avizinhava havia um tempo, isto posto, iniciei, por meio das redes sociais virtuais, com uma postagem no meu perfil social no Facebook, esse desejo de desenvolver um encontro com cursistas a respeito dessa temática.

Para a minha alegria, em pouco menos de um dia, a professora de uma instituição de ensino superior, que era conhecida de um professor que ministrou uma palestra sobre o filósofo francês chamado Michel Foucault num dos cursos no qual eu sou aluno, conhecia alguém que era professor-tutor de uma outra instituição de ensino superior e que me dissera que existiria a possibilidade de desenvolver a tão almejada atividade. Através dessa aproximação via redes sociais virtuais, dialoguei com o professor-tutor sobre essa possibilidade, de modo que a permissão foi confirmada. No entanto, eu precisaria apresentar o projeto para a sua coordenadora de ensino para que a instituição estivesse ciente, sendo que, assim, poderia avançar com a ideia. Na costura dos acordos firmados, pude finalmente começar a pensar a proposta da oficina-aula.

Chegado o tão ansiado momento, numa noite de intensa chuva, com os pés encharcados e o guarda-chuva estragado, cheguei antes do horário marcado da aula para organizar o espaço. Um espaço que pudesse ser um território propício e agradável para mim e para os cursistas que iriam estar presentes. O professor-tutor ainda não havia chegado para me recepcionar; de igual modo, adentrei na instituição e na sala de aula para reorganizar as cadeiras em grandes círculos, instalar o meu *notebook* para transmitir o documentário e recepcionar os cursistas. Também havia comprado algumas bergamotas que foram colocadas dentro de uma cesta e envoltas por um tecido para a proteção do piso sujo e úmido da sala.

Na reorganização desse ecossistema, acreditava que o ambiente da sala de aula se ressignificasse num espaço de acolhimento para com o alunado, na proposição de que a ambiência arquitetada auxiliasse na construção, nem que fosse por um ínfimo momento, de:

> [...] um certo hábito de ajuda mútua e de apoio mútuo; um capital de confiança e de franqueza mútua; participação de cada um na tomada de decisões coletiva; um clima caloroso, de humor, de camaradagem e o hábito de expressar seu reconhecimento (Thurler, 2001, p. 498).

Aos poucos, o alunado começou a chegar no recinto. Um pouco depois, chega o professor-tutor para estar comigo e me apresentar para a turma. Explicitou que eu iria

desenvolver uma pesquisa-ação, com ênfase no pensamento pelo corpo em mesclas com as questões de gêneros e sexualidades. O documentário que seria reproduzido ajudaria a tratar esses assuntos e que, logo após isso, conversaríamos sobre a obra apresentada. Quando o docente explicou que iríamos conversar sobre corpos, gêneros e sexualidades, alguns alunos se puseram a rir, outros desenrolaram fuxicos e conversas paralelas em tons baixos e um outro aluno gritou no fundo da sala: "Você não vai conversar sobre ideologia de gênero por acaso, né?!".

O corpo é algo complexo, enviesado por infinitos pontos de vista e que circula por diversos comportamentos e estilos. Na manifestação do alunado sobre a temática que iria ser abordada, a sala de aula em junção com os atores e atrizes presentes nesse ambiente, criaram uma órbita microecológica composta por diversas subjetividades que nos constituem e constituímos como sujeitos. Entre alegrias, comédias, risadas, desconfianças, delações, receios, medos, ameaças, dúvidas, ironias…, toda essa miscelânea se explicita um pouco quando ousamos cruzar por assuntos que giram acerca dessas tramas. Desafio audacioso e animoso para um professor que se dedica de maneira profunda com o tema em questão.

Na fabulação desse processo de construção que passou por permissões, explicações, proposições e questionamentos para com a proposta, fui tomado por uma espécie de calafrio existencial (Lambek, 2007). Na incerteza de que conseguiria um momento com o alunado, pelas desconfianças da coordenadora de ensino e do professor-tutor sobre o que se trataria a oficina-aula, em alguns momentos, pensei que não conseguiria desenvolver a atividade. Idem para com a aproximação inicial junto aos estudantes. Eram medos iniciais que se dissolveram no transcorrer do diálogo com os envolvidos.

PALAVREADOS POR OUTRAMENTO

Logo após a apresentação do documentário, propus de maneira espraiadamente aberta, entre nós, discutirmos, num movimento coletivo, as temáticas que percorreram a película. Na mistura com nossas sensações, percepções, pontos de vista, opiniões e cotidianos que presenciamos e vivenciamos, palavrearmos um tanto sobre o que nos marcou em importância era o próximo passo.

Destacamos alguns pontos, entre vários que insurgiram no diálogo, com a preocupação de alguns estudantes, que, no atual momento de suas vidas, constituem

famílias e, deste modo, relacionarem as temáticas que o documentário propiciou com os seus cotidianos existenciais e de pessoas próximas sobre as questões que permeiam os corpos, os gêneros e as sexualidades.

Um aluno relata que se preocupa muito com seu filho que possui “apenas” cinco anos de idade e que já o interroga a respeito de certos questionamentos voltados em específico ao seu corpo no movimento dialógico com ele e seus familiares. Enquanto pai, sente-se inseguro e não sabe quais as respostas são certas para ofertar ao seu garoto. Outra aluna, em relação ao convívio com seu filho, de quatorze anos, relata que ele já está se relacionando com outras pessoas e se preocupa e muito que não seja parecido com seu pai, seu ex-companheiro, pois explicita que ele é bastante “galinha” e que se envolve em vários relacionamentos íntimos e percebe que seu filho percorre certos comportamentos comuns ao de seu ex-cônjuge. Ela considera isso errado, pois o envolvimento com várias pessoas nem sempre é sinônimo de amor e isso a preocupa e muito, pois tem medo de que ele passe por questões periclitantes, tanto em relação a instabilidades amorosas quanto por casos que envolvam a sua saúde, como, por exemplo, o contágio de certas doenças sexualmente transmissíveis. Ela diz que conversa constantemente com ele sobre a utilização de determinadas práticas e técnicas íntimo-sexuais que podem protegê-lo e que, caso tenha qualquer dúvida, não hesite em perguntar para ela e/ou para seu pai.

Outra aluna trouxe para o coletivo a ocorrência de uma mulher que treina na academia em que trabalha, que envolvia a questão do término de um relacionamento. Essa mulher citada, por causa do término do seu envolvimento com um rapaz, que a traiu com outra mulher, iniciou a prática de exercícios físicos sistematizados na busca de um padrão corporal vigente que enaltecesse seu corpo como capital corporal interessante e, assim, no relato dela a respeito do seu diálogo com a citada, disse que queria “ficar gostosa” e que, em tempos tardios, seu ex-companheiro iria se arrepender de “a ter trocado por outra mulher”.

Essa aluna, no porte de seu celular, deslocou-se até minha pessoa para mostrar o corpo da mencionada, que se encontra no sexto mês de treinamento físico. Pedi para que mostrasse para as demais pessoas; no entanto, disse que não era necessário, pois iria compartilhar no grupo virtual da turma, pelo aplicativo de conversas virtuais chamado *Whatsapp* e que me enviaria uma cópia assim que terminasse a oficina-aula.

Por fim, um aluno disse que acha um absurdo o comportamento das pessoas no documentário, e que no Brasil esses exemplos de comportamento ainda não são vistos de

uma forma explícita no dia a dia, mas acredita que existem pessoas que se envolvem com objetos e figuras, demonstradas na obra aqui no país. De maneira cômica, em relação a uma situação em específico que foi apresentada no filme (no momento em que o locutor do documentário relata que no Japão existe uma proporção bastante desigual entre atores e atrizes pornô, sendo setenta atores para milhares de atrizes, de modo que a personagem que é caracterizada como ator pornô ratifica as informações), um aluno espraiou o desejo de se deslocar até o Japão para trabalhar na indústria pornográfica nipônica. O alunado caiu em gargalhadas, mas ele reforça o tão aspirado desejo, dado que percebeu que lá o trabalho focado no prazer sexual é mais valorizado do que no território brasileiro.

Na proposição de outras construções discursivas, sugeri ao alunado que cada um materializasse as percepções e sensações que os atravessaram numa escrita livre, sem norteamentos. Do total de vinte e uma pessoas que estavam presentes, sendo que, de acordo com o professor-tutor, ausentaram-se nove, dezessete pessoas me retornaram com alguma produção textual. Dessa materialidade que se criou e num pensar que compõe com as falas que circularam na discussão, observei que tanto em relação à discussão quanto às textualidades produzidas, a sublevação de um “outro”, que se caracteriza numa produção identitária com um “eu”, fez-se existente tanto no aspecto das falas quanto nas escreveduras.

Ou seja, o outro é o mote em culminação, que ajuda a expressão do “eu” mas que se envolve com um “tu” que passa e perpassa por um “nós” na transposição de afetos que atravessaram os assuntos conversados (Skliar, 2003). Uma mescla intersubjetiva que toma os envolvidos antropofagicamente e que vomitam o que os afeta num “de-com-pelo-outro” num diálogo por outramento (Pessoa, 1974). Tal relação é evidenciada nas falas dos cursistas, quando demonstram o outro (filho, filha, mulher, Japão), assim como na continuidade da análise de dados seguinte, tecido por um minerador de dados que constrói uma rede de termos/palavras/conceitos que giraram por cima dos assuntos em questão (Ceccim; Gai, 2015) expressam esse relacionar-se que se aciona em realces no transcorrer da pesquisa-ação.

TECER PALAVRAS: O UNIVERSO VOCABULAR DE UM ENCONTRO

Outra análise que interpreta o encontro se dá através da utilização da ferramenta de mineração de dados intitulado *SOBEK*. Favero et al. (2018) explicam que:

> Sobek é uma ferramenta gratuita de mineração de texto, desenvolvida pelo Programa de Pós-graduação em Informática na Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Pode ser usado on-line ou feito o download da ferramenta no site http://sobek.ufrgs.br. Tem como função analisar e relacionar os termos mais frequentes em um texto, formando um grafo. Neste grafo são apresentados os termos mais relevantes do texto e as conexões entre si. Pode-se também selecionar um termo no diagrama, onde o Sobek irá mostrar quantas vezes o termo aparece no texto e as frases em que ele está incluso, ajudando na realização da análise (Favero et al., 2018, p. 8).

O grafo produzido através do minerador de dados está relacionado com as produções textuais feitas logo após a apresentação do documentário. A rede tecida com as palavras que foram bordadas nas produções apresenta uma trama de termos/palavras/conceitos, nos quais se destacam as que mais se repetiram ao longo da escritura dos textos. Freire (1987) diz que o ser humano é o seu universo vocabular. Não somente o ser humano é constituído por vocábulos, mas o vocabulário é um dos pontos importantes a serem considerados de uma diversidade existencial que pode ser abarcado como analisador importante desses encontros costurados.

Na comunhão de dezessete produções, o vocabulário explanado reforça o viés da alteridade (relacionar-se com o outro) que capitaneia a rede tecida das palavras em suas substantivações, adjetivações e pronomizações. Cabe destacar que o substantivo “relacionamento” (destacado em vermelho no centro da rede), é o nó que centraliza essas órbitas relacionais por entre as expressões.

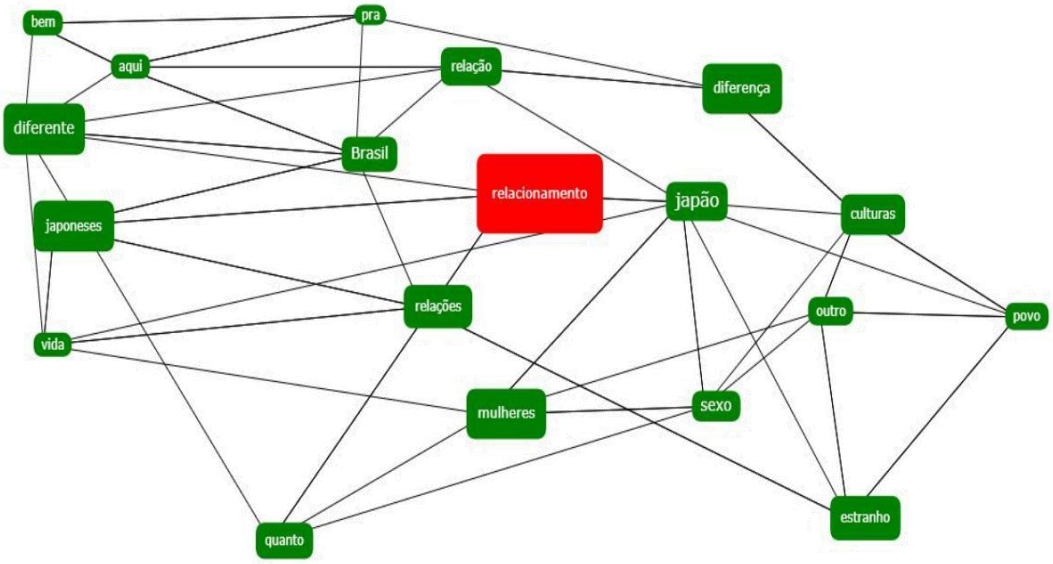

Figura 1: Grafo: mineração de dados realizada utilizando-se o software Sobek

CONCLUSÃO

A envolvência com estudantes de um curso de graduação em Educação Física traz à tona esses falseios, erronismos e tentativas que imbricam o cotidiano existencial de um professor e retoma a discussão sobre corpos, gêneros e sexualidades num espaço de formação universitária em suas idas e vindas no desenvolvimento da pesquisa-ação.

A apresentação de um documentário que espraiasse essa possível discussão insurgiu de momentos que, quando conversamos sobre essas questões (corpos, gêneros e sexualidades), ainda conversamos “sobre elas” e “não de elas”. Williams (2012, p. 14) acentua que: “[...] falar sobre sexo supõe um objeto estável de investigação, falar de sexo implica em que as próprias formas de falar partem das construções discursivas de sexo e discursos sobre a sexualidade [...]”.

Num estranhamento que atravessou o território do encontro proposto, relacionar o que acontece do outro lado do mundo com o que acontece aqui em nossa vizinhança emergiu em poucos momentos durante a conversa. Em atuais urgências das novas

tecnologias informacionais e comunicacionais, a mediação tecnológica de nossos encontros íntimos, a criação de redes sociais virtuais específicas para trocas sexuais, estilos de vida que tomam como capital a produção de outras sexualidades, entre tantas possibilidades, encontram-se bastante próximas de nós e não nos causam mais um agudo estranhamento. As práticas nos tomam com um ar costumeiro que, no fim, acabam se tornando familiares em nossos cotidianos.

Enfim. Deixo aqui um questionamento: será que somos tão diferentes assim da população japonesa representada no documentário?

REFERÊNCIAS

AVERO, Rute Vera Maria; FALLER, Bianca; ROSA, Janine. Redes sociais e educação: um possível encontro. SEMINÁRIO NACIONAL DE INCLUSÃO DIGITAL, 5, **Anais...** Passo Fundo, maio 2018.

BALDISSERA, Adelina. Pesquisa-ação: Uma metodologia do "conhecer" e do "agir" coletivo. **Revista Sociedade em Debate**, Pelotas, v. 7, n. 2, p. 5-25, ago. 2001.

BRACHT, Valter et al. A prática pedagógica em educação física: A mudança a partir da pesquisa-ação. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 23, n. 2, p. 9-29, jan. 2002.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Educação Física**. Brasília, 2002.

CECCIM, Ricardo Burg; GAI, Daniele Noal. Apontamentos sobre ética na pesquisa: tensões da educação no encontro com a saúde. **Revista Saúde em Redes**, Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 31-38. 2015.

DAILYMOTION. Amor e sexo no Japão. Produzido por Antoine Lassaigne. 59 min, color. **Dailymotion**. Disponível em: https://www.dailymotion.com/video/x5p0s2f. Acesso em: 01 jun. 2018.

FOUCAULT, Michel. **Hermenêutica do sujeito**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FRANCISCHETT, Mafalda Nesi. Refletindo sobre pesquisa-ação. **Revista Faz Ciência**, Francisco Beltrão, v. 3, n. 1, p. 167-176. 1999.

FRANCO, Maria Amélia Santoro. Pedagogias da Pesquisa-ação. **Revista Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 483-502, set./dez. 2005.

LAMBEK, Michael. Sacrifice and the problem of beginning: meditations from Sakalava mythopraxis. **Journal of the Royal Anhtropological Institute**, United Kingdom, v. 131, p. 19-38. 2007.

LORETO, Tenorio. Pornografía, pedagogía y pospornografía en Internet: teoría de género de dos vídeos. **Revista de Estudios de Antropología Sexual**, Ciudad del México, n. 6, p. 102-115. 2015.

LÜDORF, Sílvia Maria Agatti; ORTEGA, Francisco Javier Guerrero. Marcas no corpo, cansaço e experiência: nuances do envelhecer como professor de educação física. **Revista Interface**, Botucatu, v. 17, n. 46, p. 661-675, jul.-set. 2013.

ODISSÉIA. **Amor e sexo no Japão**. Comentário sobre o filme. 2018. Disponível em: http://odisseia.pt/programacion/programa/amor-e-sexo-no-japao/. Acesso em: 23 set. 2018.

PESSOA, Fernando. **O eu profundo e os outros eus**. 1980. 20 ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1980.

PRECIADO, Paul. **Manifesto Contrassexual**. 2014. ed. São Paulo: N-1, 2014.

SERRES, Michel. Novas Tecnologias e Sociedade Pedagógica: uma conversa com com Michel Serres. **Revista Interface**, Botucatu, v. 4, n. 6, fev. 2000.

SKLIAR, Carlos. Revista Ponto de Vista: A educação e a pergunta pelos Outros. diferença, alteridade, diversidade e os outros "outros". **Ponto de vista**, Florianópolis, v. 5, p. 37-49. 2003.

SOLANA, Mariela. Pornografía y subversíon: una aproximación desde la teoría de género de Judith Butler. **UAEM**, Ciudad del México, n. 62, p. 159-179, maio/ago. 2013.

SOUZA, Mériti de; LANGARO, Fabíola. Desconstruir para problematizar matrizes identitárias. **Revista psicologia, ciência e profissão**, Brasília, v. 31, n. 3, p. 568-581. 2011.

THURLER, Monica Gather. **Inovar no interior da escola**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

WILLIAMS, Linda. Screening Sex: Revelando e dissimulando o sexo. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 38, p. 13-51, jan./jun. 2012.

ABSTRACT
This article presents an experience report of an action research with students of a physical education course of a higher education institution located in the city of Porto Alegre. The action of the research permeates themes about bodies, genders and sexualities, important identity matrices and that constantly cross the knowledge, do think and act of the teachers and professionals in formation. The presentation of a documentary, the dialogue with the students and the production of a graph on the production of the same highlights the plots of alterity that constitute us and we constitute by our daily paths.
Keywords: Physical education. Identity matrices. Action research. Otherness.